


A escrevivência de Conceição Evaristo e a literatura como resistência: diálogos insurgentes em *Olhos d'água*


Conceição Evaristo's writing and literature as resistance: insurgent dialogues in Olhos d'água

La escritura y la literatura de Conceição Evaristo como resistencia: diálogos insurgentes en Olhos d'água

César Alessandro Sagrillo Figueiredo¹

 0000-0002-6011-9527

Maria Leal Pinto²

 0000-0002-0147-8917

RESUMO: O século XX foi farto de conflitos que engendraram as discussões da teoria do testemunho, vindo a se materializar por meio de faces da literatura que versam sobre as agruras de diferentes segmentos da sociedade e sendo fortemente comprometida com a verdade dos fatos históricos. Mediante o exposto, o objetivo principal deste artigo é examinar o livro de contos *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo (2018), obra de ficção, mas com descrições pujantes da vida da população afrodescendente brasileira e o seu processo de aniquilação frente a um Estado arbitrário. Quanto ao escopo teórico, ancora-se na noção de teor testemunhal de Seligmann-Silva e, sobretudo, no diálogo com o racismo estrutural brasileiro, via textos de Ribeiro e de Almeida. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, e como resultado constatou-se que a obra produz uma discussão sobre o racismo e a condição da mulher negra face à opressão da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: teor testemunhal; racismo estrutural; Conceição Evaristo.

ABSTRACT: The 20th century was full of conflicts that engendered discussions on the theory of testimony, coming to materialize through faces of literature that talk about the hardships of different segments of society and being strongly committed to the truth of historical facts. Based on the above, the main objective of this article is to examine the book of short stories *Olhos D'água*, by Conceição Evaristo (2018), a work of fiction, but with powerful descriptions of the life of the Brazilian Afro-descendant population and their process of annihilation in the face of a arbitrary state. As for the theoretical scope, it is anchored in

¹Doutor em Ciência Política (UFRGS) e Pós-doutor em Literatura (UFT). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGLIT/UFNT. E-mail: cesarpolitika@gmail.com

²Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins. Professora Efetiva da Educação Básica do Estado do Tocantins. E-mail: mariaozimo2016@gmail.com

Seligman-Silva's notion of testimonial content and, above all, in the dialogue with Brazilian structural racism, via texts by Ribeiro and Almeida. Methodologically, this is a bibliographical research, and as a result it was found that the work produces a discussion about racism and the condition of black women in the face of oppression in society.

KEYWORDS: testimonial content; structural racism; Conceição Evaristo.

RESUMEN: El siglo XX estuvo lleno de conflictos que engendraron discusiones sobre la teoría del testimonio, comenzando a materializarse a través de rostros en la literatura que hablan de las dificultades de diferentes segmentos de la sociedad y que están fuertemente comprometidos con la veracidad de los hechos históricos. Con base en lo anterior, el objetivo principal de este artículo es examinar el libro de cuentos Olhos D'água, de Conceição Evaristo (2018), una obra de ficción, pero con poderosas descripciones de la vida de la población afrodescendiente brasileña. y su proceso de aniquilación frente a un Estado arbitrario. En cuanto al alcance teórico, está anclado en la noción de contenido testimonial de Seligman-Silva y, sobre todo, en el diálogo con el racismo estructural brasileño, a través de textos de Ribeiro y Almeida. Metodológicamente se trata de una investigación bibliográfica, y como resultado se encontró que el trabajo produce una discusión sobre el racismo y la condición de las mujeres negras ante la opresión en la sociedad.

PALABRAS CLAVE: contenido testimonial; racismo estructural; Conceição Evaristo.

Introdução

Quando refletimos acerca da Literatura testemunhal, via de regra, olhamos com apuro para as obras a partir das discussões dos cânones europeus, sobre a *Shoah*, que se debruçam nas memórias dos judeus nos Campos de Concentração da II Guerra Mundial. Igualmente, para as discussões do modelo latino-americano denominado *Testimonio*, emanado com força através do *Prêmio Juri Casa de Las Americas*, promovido pelo governo cubano e que intencionava contar a história a contrapelo, melhor dito, não mais a história oficial dos opressores, mas definitivamente dos oprimidos que ousaram resistir e reescrever a história do continente (Marco, 2004).

No tocante ao Brasil, em linhas gerais, podemos dizer que aproxima em algumas caracterizações a sua literatura testemunhal do corolário latino-americano, sobretudo se dialogarmos com os livros memorialísticos dos sobreviventes da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Contudo, essas aproximações ensejam um olhar mais minucioso de análise da literatura brasileira, uma vez que a distensão da ditadura no Brasil não operacionalizou com igual sintonia aos demais países do

Cone Sul, logo, vindo a diferir no tom testemunhal evidenciado nas obras nacionais³ (Seligmann-Silva, 2010). Não obstante, destacamos que tivemos inúmeras produções das quais podemos enquadrar sob o escopo do testemunho, no nosso campo literário, tendo grande divulgação no início dos anos 80 do século XX, e tornando-se fenômenos editoriais naquela quadra histórica, inclusive, com reproduções filmicas (Franco, 2020).

Acerca dessa multivocalidade de registros testemunhais, endossamos que não se processaria num único repertório. Para tanto, temos a seguinte a caracterização de Seligmann-Silva elaborando o conceito de teor testemunhal:

[...] a) ao invés de se falar em “literatura de testemunho”, que não é um gênero, percebemos agora uma *face da literatura* que vem à tona na nossa época de catástrofes e que faz com que toda a história da literatura — após duzentos anos de auto-referência — seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. Nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o “*teor testemunhal*” que marca toda obra literária, mas que aprendemos a detectar a partir da concentração desse teor na literatura e escritura do século XX. Esse teor indica diversas modalidades de relação metonímica entre o “real” e a escritura (Seligmann-Silva, 2005, p. 85).

A partir dessa mirada, nosso artigo possui como objetivo principal examinar dois contos da obra *Olhos D'água* de Conceição Evaristo (2018) visando o diálogo da teoria do testemunho (Seligmann-Silva, 2005) e das discussões sobre o conceito de racismo estrutural brasileiro (Almeida, 2019). Essas discussões tornam-se extremamente pertinentes, pois compreendemos que esses debates travados no livro de Evaristo ensejam denúncias potentes, tanto contra o racismo quanto sobre as tentativas de eliminação da população negra pelo aparato repressivo do Estado brasileiro, no passado e no presente. Logo, funcionando com maestria para as discussões a partir do prisma do testemunho e do seu arcabouço teórico.

Também, destacamos que são contos curtos, mas que prendem nossa

³ Segundo Seligmann-Silva (2010, p. 14) em *O Local do Testemunho*, enfatiza que “[...] nossos testemunhos estão sufocados pelas amarras de uma ‘política do esquecimento’ que não conseguimos até agora desmontar. De certa maneira, podemos dizer que as vítimas e aqueles que lutam pela verdade, pela memória e pela justiça ficam relegados pelos donos do poder a uma posição melancólica, difícil de aceitar e de com ela conviver. Ela destrói. O grande desafio que se coloca hoje, 30 anos depois da anistia, é quebrar as barreiras que até hoje impediram este trabalho de testemunho de entrar em funcionamento”.

atenção em especial pelo teor de realidade que os compõem, denominado pela própria autora como escriturabilidade, sendo escritas a partir de suas vivências e das suas memórias, sempre assistindo e participando de uma vida costurada com “linhas de ferro”, em que os contos também são um misto de denúncia, revolta e esperança. Ainda, destacamos que o gênero conto e ficção não eliminaria o referencial teórico palmilhado, pois, segundo Salgueiro (2012, p. 299): “[...] presença da ficção na confissão e no testemunho não invalida em hipótese alguma, os traços gerais do ‘gênero testemunho’ (híbrido, aliás, como os demais gêneros, subgêneros e outras formas podem ser)”.

Nessa perspectiva, portanto, a fim de cumprir o objetivo proposto, dividiremos o artigo nos seguintes momentos intencionando um melhor apuro da análise: 1) a apresentação do livro e a importância da sua produção, especialmente sobre os debates e denúncias do racismo estrutural brasileiro em diálogo com o teor testemunhal contido no texto; 2) a análise do *corpus* da obra por meio de dois contos que sintetizam a sua ideia principal como resistência e denúncia. No tocante ao enquadramento teórico, ainda destacamos:

[...] Os contos de Evaristo compartilham com a literatura dos direitos humanos elementos de denúncia, resistência e esperança, colocando-se em contraposição à cumplicidade da sociedade hegemônica, que permanece calada – seja por medo, indiferença ou ideologia – diante de uma situação de crise, qual seja, de violação dos direitos humanos dos afro-brasileiros. Os contos de Olhos d'água podem ser entendidos como literatura testemunhal ao unirem a memória ancestral afro-brasileira a micro-histórias, isto é, histórias pessoais cuja perspectiva particular incide sobre a história nacional (Bailey, 2021, p. 10).

Ainda, torna-se importante frisar que nesses fios tramados e insurgentes é que poderíamos cogitar a tessitura dessa literatura esteticamente entrelaçada com teor testemunhal. Conforme teoria, inferimos que esses traços testemunhais, versando sobre a denúncia da situação da população negra historicamente marginalizada pelo racismo estrutural brasileiro, materializar-se-iam também como herdeiros das tradições e dos testemunhos já realizados na literatura nacional, como bem podemos atestar em Graciliano Ramos (2012) no livro *Memórias do Cárcere* ou

Carolina de Jesus (2014) em *Quarto de Despejo*⁴.

Para efeitos metodológicos, este trabalho realiza-se como fruto de uma revisão bibliográfica dos elementos mais significativos que foram ao encontro do objetivo proposto. Igualmente, realizaremos análise do *corpus* da obra de Conceição Evaristo, a fim de dar conta das explicações condizentes ao objeto.

Conceição Evaristo, *Olhos D'água*: entre o teor testemunhal e o racismo estrutural*

Buscando esse debate, consideramos que essa literatura ancorada no teor testemunhal emerge no final do século XX e início do novo milênio buscando uma nova reescrita da história, mostrando as narrativas, testemunhos e memórias daqueles que nunca foram voz audíveis – são memórias silenciadas à força, mas que nos últimos anos, em virtude do conjunto de discussões travadas na sociedade, começam a ser reverberadas. Desses diálogos entrelaçados, destacamos alguns autores como Conceição Evaristo, pois, mediante análise da obra da autora, poderemos verificar por meio da ficção o testemunho da pobreza e da discriminação de raça, tão fortemente demarcadas na sociedade brasileira.

Conceição Evaristo, professora, escritora brasileira e negra, é um dos destaques da literatura brasileira e uma das referências no tocante às discussões sobre decolonialidade. Consideramos que a sua escrita se insere nessa literatura com uma forma muito particular, justamente, em virtude do seu forte posicionamento político sobre a história, a vida e o cotidiano do povo negro, em especial das mulheres negras. Dialogando com outros autores que demarcam um posicionamento a partir de um recorte racial, podemos enfatizar que Evaristo “costura” sua escrita a partir de um “lugar de fala” (Ribeiro, 2017), ou seja, o lugar da mulher negra que dialoga com os seus pares.

Nascida em Minas Gerais, Evaristo (2003) teve sua primeira obra publicada

⁴Bosi (1993 *apud* Marco, 2004, p. 51) alude que já seria possível enxergar traços da Literatura do Testemunho em Graciliano Ramos (2012), no livro *Memórias do Cárcere*. Igualmente, Seligmann-Silva (2018, p. 87) encontrou a noção de *Testimonio* histórico na escritora Maria Carolina de Jesus (2014) na obra *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada.

em 2003, o romance *Ponciá Vicêncio*, livro que foi traduzido para inglês e francês. Em 2006 veio a publicação de mais um romance, intitulado *Becos da Memória* (Evaristo, 2006), e no ano de 2014 o livro *Olhos D'água*, que viria a receber o prêmio Jabuti, em 2015. Ao longo da sua trajetória na literatura, recebeu várias homenagens e premiações.

Na obra *Olhos D'água* (Evaristo, 2018), a autora nos propõe refletir sobre a vivência negra a partir de uma série de contos, sendo histórias extremamente próximas da vida de personagens reais do Brasil, dando um grau forte de verossimilhança entre a realidade e a ficção. O livro é composto por contos que narram trajetórias e desventuras de personagens negros e negras, que têm suas vidas e mortes marcadas pela violência, seja individual ou pela mão do Estado – de forma direta ou indireta. Mas, mesmo no caso das mortes não ocasionadas diretamente pelo Estado, muitas vezes, tem o seu braço presente através da omissão, do descaso e da negligência.

A literatura de Conceição Evaristo, mesmo sendo ficcional, pode ser lida como um compilado ou representação da realidade. Nesse sentido, a sua literatura teria esse papel de transfigurar acontecimentos históricos, geográficos, sociais, políticos e culturais, num processo de trama entre a ficção e a realidade, elaborando uma releitura do mundo e dos fatos que circundam a sociedade brasileira por meio do seu tom testemunhal. Ou seja, o livro *Olhos D'água* aborda temas extremamente caros aos Direitos Humanos como a violência, a negação dos direitos básicos, a ausência das políticas públicas, o descaso, a omissão, a violência de gênero, o racismo e a pobreza.

Nessa empreitada, a escrita de Evaristo é entremeada pelas diversas discussões que circundam a realidade, principalmente no tocante ao racismo e seus tentáculos, como se revelasse um trauma coletivo do que é ser negro no Brasil. Por meio da sua obra, constrói as indagações de como o diálogo entre a literatura e a ficção são indispensáveis para compreendermos nosso passado histórico extremamente traumático, bem como a nossa realidade, inclusive, provocando reflexões sobre o que esperamos do futuro. Também em *Olhos D'água*, a autora consegue ir além, não apenas tocando na ferida aberta da nossa história e dos

reflexos na sociedade atual, pois consegue dialogar sobre a nossa herança colonizadora, os mecanismos de opressão e o desrespeito presentes. Como afirma Bailey, a obra de Evaristo é reflexiva no sentido de nos fazer discutir sobre a violação e a negação dos Direitos Humanos aos afro-brasileiros.

[...] refletir sobre estas questões a partir da leitura dos contos de *Olhos d'água* significa encarar a realidade das violações dos direitos humanos dos afro-brasileiros que a autora desvenda em sua narrativa. É esta a situação de crise e conflito a que Evaristo confere forma e sentido em sua obra. Emprega-se aqui o termo conflito, a partir das colocações de Chris Andrews e Matt McGuire em “Post-Conflict Literature?,” como conceito instrumental de análise com o objetivo de examinar tanto as limitações como as possibilidades que a literatura oferece frente a um contexto de violência social e política e suas sequelas (Bailey, 2021, p. 11).

De acordo com o livro, podemos constatar que os eventos retratados nos contos não evidenciam ou materializam rupturas bruscas no seio da sociedade brasileira, tampouco causam “mudanças violentas na estrutura política da nação”. Entretanto, ao seu modo, visam construir uma micropolítica a partir da denúncia, em que a obra evidencia em sua escrita a forma como a violência se materializa, de modo contínuo e exterminando o outro não desejado - nesse caso específico, a população negra. Portanto, é possível constatar o aporte testemunhal justamente por retratar a “guerra declarada ao povo negro” e “as fronteiras de disputa”, através das descrições dos espaços segregados que materializam durante a leitura dos contos.

Seria na acepção da autora, portanto, um conflito não vivenciado no dia a dia por muitos brasileiros e brasileiras, já que não sofrem na pele a mesma violência. Logo, sendo demarcada essa guerra silenciosa, seletivamente, para a população afro-descendente, que é segregada nas favelas. Nessa perspectiva, de acordo com a teoria enfatizada, podemos dialogar que seria um genocídio silenciado e sem voz (Pollak, 1989), mascarado por diversas situações econômicas e culturais que atravessam a sociedade brasileira durante séculos.

Isso posto, essa dimensão da teoria do testemunho nos confere a possibilidade de afirmar que, por meio da literatura de Conceição Evaristo, ecoariam essas vozes subalternas deserdados do capital. Considerando essa assertiva, Bailey (2021, p. 14) salienta que:

[...] ao dar testemunho das experiências de vida das personagens, os contos de *Olhos d'água* representam a história com h maiúsculo a partir de um olhar íntimo sobre eventos "menores," olhar que privilegia a perspectiva daqueles vitimados pelo poder hegemônico.

Diferentemente do segmento da literatura do *Testimonio*, as escriturivências de Evaristo não evidenciam mitos e heróis do povo latino-americano: seu forte enfoque testemunhal traz apenas vozes negras marginalizadas, de acordo com a realidade, visibilizando a vida e a morte trágicas dessas personagens. Nessas escriturivências consegue extrair uma síntese, podendo, inclusive, dialogar com maestria com o conceito do *racismo estrutural*, conforme Almeida (2019, p. 15-16):

O racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.

Portanto, a partir da reflexão da literatura e do trauma vivenciados pela população negra vítima de conflitos e de racismo, podemos aquilatar que o explicitado em *Olhos D'água* está contido tanto no tempo presente da sociedade brasileira, quanto no seu passado, com heranças de opressão sofrida, uma vez que se torna um libelo, como forma de denúncia e resistência. Obviamente, conforme esperado pelas vivências da população negra marginalizada, a maior parte dos contos não traz o final feliz, pois o desenvolvimento conclusivo das personagens desnuda, justamente a própria realidade de sofrimento. Desta forma, na sua criticidade, denúncia e questionamento, a literatura de Conceição Evaristo nos ajuda a encarar a verdade, por mais dura que seja, bem como nos fornece elementos enunciativos para a compreensão e criticidade dos sujeitos marginalizados.

Maria e Zaíta: retratos da desigualdade social, de gênero e expressões da crueldade do racismo estrutural

Como já mencionamos, este texto enseja abordar o racismo estrutural nos

contos de *Olhos D'água*, através de personagens apresentados por Evaristo, e a forma como a autora grafa através da noção de teor testemunhal, o genocídio, as desigualdades sociais e econômicas que consomem as vidas da população negra brasileira. Em razão da dimensão da obra, optamos por escolher dois contos, quais sejam: “*Maria*” e “*Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*”.

Sobre o conto *Maria*, a personagem homônima passa a narrativa ambientada em um transporte coletivo, momento de retorno do seu trabalho de doméstica e que, com muito pesar, rememora o seu passado, num encadeamento da sua memória, sua vida e agruras vivenciadas enquanto mulher negra e marginalizada. Maria, como a maioria das mulheres negras brasileiras, mora na periferia da cidade. Seria um retorno relativamente feliz de um dia, de acordo com o seguinte roteiro: 1) Maria havia ganho restos de comidas, da decoração da festa dos patrões, que, agora, serviriam como um verdadeiro banquete para os seus filhos ao chegar no seu barraco; 2) também ganhou uma gorjeta extra e assim poderia comprar, finalmente, os remédios que suas crianças tanto precisavam.

Porém, o acaso aproxima Maria da tragédia que viria abater-se sobre si, pois foi surpreendida pelo homem que sentou ao seu lado e pagou a sua passagem na entrada do ônibus: era seu ex-companheiro. Trocou poucas palavras, apenas queria saber do filho que tiveram. Em seguida, para surpresa de todos, inclusive de Maria, ele anunciou um assalto aos passageiros. Ajudado pelo comparsa, que estava no fundo do ônibus, só não roubou a ex-companheira, afinal o que se poderia roubar daquela mulher que apenas levava restos para seus próprios filhos?

Entretanto, ao pagar a sua passagem e se sentar ao seu lado foi suficiente para atizar os ânimos dentro do veículo e fazer com que Maria fosse condenada pelos passageiros, sem sequer ser ouvida. Sua morte foi decretada naquele instante, não sobreviveria àquela situação e morreu sentindo como se seu corpo fosse dilacerado por várias facas a laser, deixando no chão apenas suas memórias e sangue:

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar do melão?
Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudade de seu ex-homem. Por

que estavam fazendo isso com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados de faca a laser que cortaram até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (Evaristo, 2018, p. 42).

Conforme depreendemos do excerto, a sua condição enquanto mulher e negra fomentaram ainda mais o ódio daquela gente, os xingamentos e os gritos de incentivo ao seu linchamento eram entremeados por expressões como “*negra safada*”, “*puta*”, “*negra atrevida*”. Nesse gradiente, devemos inclusive grifar a discussão do racismo cotidiano sofrido e, precisamente, da erotização dos corpos negros que tensiona o limiar do desejo e o da repulsa, mediante Kilomba (2019, p. 78):

No racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela de projeção do que a sociedade branca tornou tabu. Tornamo-nos um depósito para medos e fantasias brancas do domínio da agressão ou da sexualidade. É por isso que, no racismo, a pessoa negra pode ser percebida como “intimidante” em um minuto e “desejável” no minuto seguinte, e vice-versa.

Trazendo as discussões que se entrecruzam a partir dessa perspectiva de gênero e raça, por conseguinte, aproximamos o enfoque para o conjunto do repertório e das narrativas afrocentradas que visam a denunciar a opressão da mulher afrodescendente oprimida pelo racismo estrutural brasileiro, sobretudo a objetificação sexual (Gonzales, 1984). Ou seja, evidenciando o seu peso de *estar no mundo*, enquanto mulher negra, portadora de um legado histórico, de uma memória ancestral e de um trauma coletivo que teima em reverberar no presente. Nessa perspectiva, Evaristo revela que os seus:

[...] personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos [...] (Evaristo, 2009, p. 19).

No caso de Maria, portanto, havia uma multidão proferindo repulsa e ofensas à sua dignidade e à sua sexualidade, demarcadamente atrelados a sua condição de mulher negra. De acordo com Djamilia Ribeiro (2017, p. 38), dialogando com Kilomba, a mulher negra é o “outro do outro”, por sua condição de mulher e negra. Maria tentou retrucar se posicionando e dizendo que não era cúmplice dos

assaltantes, mas foi chamada de “negra atrevida”, numa clara alusão ao silenciamento imposto historicamente aos negros e negras, sendo colocada no seu lugar histórico de subalternização. Foi aviltada em seu corpo e sua voz silenciada, afinal, como evidencia a obra de Elza Soares: “a carne mais barata do mercado é a carne negra” (Soares, 2002).

No tocante ao outro conto, *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, ele também explicita fortemente o racismo estrutural. Mas afinal quem é Zaíta? Zaíta, uma das gêmeas, moradora de comunidade, vivia com sua família negra em um barraco e vinha constantemente recebendo reclamações materna quanto aos brinquedos espalhados pela casa. Naquela ocasião sua preocupação era encontrar a sua figurinha-flor, justo a figurinha que havia adquirido com dinheiro que pegou de sua mãe sem ela saber.

A vida era difícil, a mãe trabalhava em casa de outros para levar os poucos recursos que conseguia para o sustento da família e o irmão mais velho estava tentando carreira militar. Já o segundo irmão buscava poder, ali mesmo na comunidade, pois percebia que quanto mais se trabalhava menos dinheiro se levava para casa. A irmã gêmea de Zaíta era Naíta, que só se preocupava em brincar.

Zaíta, em um descuido, saiu pelas vielas do morro procurando a tão estimada figurinha-flor. Perdida em seus pensamentos, entretanto, sequer percebeu que cada vez mais se distanciava de sua casa e não se atentava aos riscos que corria, até que tudo começou: vagando em meio à chuva de balas, ainda que houvesse sido advertida por moradores para se proteger, nada ouviu e nem viu, sequer percebeu seu corpinho bordado por balas, desfalecendo ali mesmo.

Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiram a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. É, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida (Evaristo, 2018, p. 76).

Sua irmã Naíta, ao ver a gêmea caída ao chão, apenas se lembrou do quão

furiosa havia deixado sua mãe em casa, pois havia pisado nos brinquedos espalhados e em retaliação destruíra a mais bonita das bonecas. Naíta apenas gritou: *Zaíta você esqueceu de guardar os brinquedos!* Nesse conto, mais uma vez, vemos a naturalização da morte do povo negro com pouca ou nenhuma comoção: Naíta, atordoada pela realidade, sequer se deu conta inicialmente da morte da sua irmã. Nessa situação extrema de violência no morro, portanto, a morte de uma criança era simplesmente um acontecimento banalizado e corriqueiro⁵, entretanto, o que não deveria ser natural para uma criança era o simplesmente não guardar os brinquedos, conforme sua mãe solicitou e não foi atendida.

Buscando dialogar com as questões tratadas neste artigo, ambos os contos trazem temáticas relacionadas ao racismo estrutural e à escalada da violência, sendo que o público infantil e feminino são as maiores vítimas. Contudo, esses dados alarmantes pouco ou nada chocam a nossa sociedade, haja vista que se naturalizou como corriqueira a violência no morro. Ainda, destacamos que não são eventos praticados diretamente pelo Estado, mas têm a sua digital, justamente pela sua própria ausência. Nesse sentido, poderíamos afirmar que o Estado escolhe quem proteger e quem pode morrer, como bem atesta Almeida (2019, p. 68-69).

Uma vez que o Estado é a forma política do mundo contemporâneo, o racismo não poderia se reproduzir se, ao mesmo tempo, não alimentasse e fosse também alimentado pelas estruturas estatais. É por meio do Estado que a classificação de pessoas e a divisão dos indivíduos em classes e grupos é realizada. Os regimes colonialistas e escravistas, o regime nazista, bem como o regime do apartheid sul-africano não poderiam existir sem a participação do Estado e de outras instituições como escolas, igrejas e meios de comunicação. O Estado moderno é ou Estado racista – casos da Alemanha nazista, da África do Sul antes de 1994 e dos Estados Unidos antes de 1963 –, ou Estado racial – determinados estruturalmente pela classificação racial –, não havendo uma terceira opção. Com isso, quer dizer Goldberg que o racismo não é um dado acidental, mas é um elemento constitutivo dos Estados modernos.

Também nessa conjuntura extremamente precária, precisamos frisar que as mulheres negras estão entre as mais vitimadas pelo feminicídio no país, chegando a um percentual de 62%; entre as mortes violentas intencionais, chegam a 70%; entre

⁵ A fim de endossar a discussão, registramos que os casos de mortes violentas, entre jovens e adolescentes no Brasil, demonstram que essas mortes são 83,6% de pessoas negras, conforme Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022 (Bueno; Lima, 2022, p. 233).

vítimas de estupro e estupro de vulnerável, a taxa é de 52,2% de pessoas negras, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 (Bueno; Lima, 2022, p. 173). Nesse sentido, devemos evidenciar que as mortes violentas demarcam o calvário da mulher negra, sendo uma das violências explícitas de eliminação do povo negro através do racismo estrutural e da não assistência do Estado.

De modo distinto da literatura pós *Shoah*, no caso dos contos de Conceição Evaristo, revela-se um forte teor testemunhal onde nem sempre há muros ou alambrados demarcando as fronteiras como nos “campos de concentração”, pois, na maioria das vezes, as fronteiras impostas aos afro-brasileiros são invisíveis. Ou seja, mesmo com limites não visíveis, estão presentes demarcando territórios e lugares simbólicos herdados. Também, de acordo com o texto, não temos outros tristes e condenáveis aparatos genocidas que demarcavam os campos de extermínios nazistas, mas temos viaturas da polícia como câmaras letais e as balas perdidas, que sabem quais corpos encontrar.

Nessa perspectiva, fica bem demarcado o ser negro como o “outro” da sociedade, aquele que “pode” ser executado pelos aparelhos coercitivos do Estado, conseqüentemente, sendo invisibilizado e calado à força as suas dores. Fanon (2006, p. 107), ao tratar sobre a questão do racismo, desnuda de maneira contundente em sua obra, *Pele Negra, máscaras brancas*, enfatizando na seguinte citação denuncia: “o mundo branco o único honesto, rejeitava minha participação [...] eu aceno para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, me encolhesse”. Podemos ver essa descrição de Fanon ao longo dos contos trabalhados no tocante a condição da mulher negra, precisamente, como aquela que é aviltada, tanto no caso da diarista assassinada no ônibus e confundida de forma intencional com os assaltantes, quanto a menina morta de forma banalizada pelo terrorismo cotidiano nos morros nas grandes cidades.

Portanto, essa amputação revelada das personagens é muito bem demarcada nos cenários do livro de Evaristo, uma vez que a autora intenciona denunciar um território da sociedade brasileira em que há a segregação de uma grande parcela da população brasileira, bem como uma violência explícita de modo contínuo ao ser

humano. Nesse jogo de demarcar territórios do medo e revelar o racismo, a autora também “[...] institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicando pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e autoimagem da mulher (Alves, 2011, p. 184).

Em síntese, Conceição Evaristo em sua obra *Olhos D'água*, encena a cruel realidade e aborda a temática do racismo estrutural com minúcias, assim como discorre sobre desigualdades sociais a partir das suas “escriturabilidade”: uma escrita nutrida pelas suas experiências e vivências. São contos/testemunhos de ficção, mas que se constroem da vivência da realidade do povo negro no morro, logo, nos deixando a impressão de que conhecemos as personagens de algum lugar, haja vista são contos que tocam profundamente no nosso inconsciente a partir da realidade brasileira.

Considerações finais

É através do teor testemunhal que obras não-evidentemente testemunhais podem e precisam ser lidas. É por meio dele que podemos ler monumentos de poder (inquestionavelmente não-testemunhais) a fim de percebermos como populações, grupos e etnias historicamente silenciadas aparecem sufocadas. Se todo documento de cultura é documento de barbárie (como afirma Walter Benjamin), todo documento possibilita uma leitura completa da história. Perceber o teor testemunhal é perceber (ou ler) pelas frestas estas barbáries (Souza, 2024, p. 20).

De acordo com o indicativo do artigo, possuímos como objetivo principal examinar dois contos do livro *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, sob a perspectiva da noção de teor testemunhal em diálogo profícuo com as discussões recentes acerca da teoria do racismo estrutural (Almeida, 2019). Os contos perfilados se mostram extremamente potentes, pois dão conta do arcabouço do testemunho e, ainda, conseguem desvendar com maestria as agruras sofridas pela população negra segregada pelo Estado brasileiro. Nessa empreitada teórica, conforme análise do texto, percebemos que os seus testemunhos, mesmo sendo em forma de contos de ficção, não invalidam em nada o aporte testemunhal, muito pelo contrário pois através da verossimilhança com a realidade consegue desnudar muito do aparato repressivo da eliminação dos afrodescendentes brasileiros.

Conforme dialogado, o aporte testemunhal brasileiro nasce com múltiplas influências, tanto bebendo na fonte do *Testimonio* latino-americano como herdeira de todas as tradições próprias da seara nacional. Segundo Seligmann-Silva (2010), o motivo que difere a escrita do testemunho nacional dos seus congêneres latinos, justamente, foi a falta de uma política de Justiça de Transição no país, fato este que poderia inaugurar e revelar uma avalanche de testemunhos mais pujantes em comunhão com a escrita das vítimas.

Contudo, mesmo com as debilidades do testemunho à brasileira, evidenciamos as experiências de escritas que surgiram dando voz às memórias, dos relatos e das reminiscências, assim como ativando resistências dos personagens que sofreram os arbítrios durante os anos de opressão, seja do período ditatorial ou seja de todo o legado do Estado opressivo brasileiro. Portanto, podemos ver bem fortemente essa discussão nos relatos e escritas de parcelas da população que tentaram romper com esses liames e visaram construir uma releitura da história brasileira, ou mesmo da América Latina, como se fosse uma leitura da história a contrapelo. Com essa mirada extremamente pujante surge a escrita produzida em vários segmentos, por exemplo, como a escrita do cárcere, dos homossexuais, das mulheres, assim como da população negra empenhada em denunciar o massacre vivido desde o processo do sequestro na África em diálogo com a teoria decolonial.

Em síntese, são discussões teóricas acerca das análises que não se esgotam, pois convidam a um olhar acurado de obras distintas, assim como personagens insurgentes que teimam em resistir. Justamente nesse cenário de resistência e denúncia floresce a obra de Conceição Evaristo a partir de suas escrituragens, em tradução da própria autoria, como produto da sua escrita e da vivência. Ou seja, nasce fecunda da sua experiência de vida que se entrelaça com a realidade de outras negras e negros e, sobretudo, emerge com pulsão vital para denunciar sem trégua as amarras do racismo estrutural da sociedade brasileira.

Referências

ALMEIDA, S. L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, M. A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência. *Revista da ABPN*, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 181-190, fev. 2011. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280>. Acesso em: 5 mar. 2024.

BAILEY, C. F. P. Escriturabilidade, testemunho e direitos humanos em olhos d'água de Conceição Evaristo. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 8-19, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb>.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio de (coord.). *Anuário brasileiro de segurança pública 2022*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, [2022]. v. 16. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 27 mar. 2024.

EVARISTO, C. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 24 maio 2024.

EVARISTO, C. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2018.

EVARISTO, C. *Ponciá vivêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora da UFBA, 2006.

FRANCO, R. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 351-369.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, v. 20, p. 223-244, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALE S%20L%20C%20A%20lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALE%20S%20L%20C%20A%20lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 30 abr. 2024.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, G. *Memória da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARCO, V. A literatura de testemunho e a violência de estado. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000200004>.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.

2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:
https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em:
27 mar. 2024.

RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Cameron Editora, 2012.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SALGUEIRO, W. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 284-303, jul./dez. 2012. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso em:
27 mar. 2024.

SELIGMANN-SILVA, M. *O local da diferença: ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010. Disponível em:
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894>. Acesso em: 27 mar. 2024.

SELIGMANN-SILVA, M. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*, São Paulo, v. 30, p. 71-98, jun. 2005. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255/1348>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SOARES, E. *A carne mais barata do mercado é a carne negra*. Salvador: Maianga, 2002. CD-ROM (3:39).

SOUZA, A. P. Testemunho, teor testemunhal e dispositivo na literatura brasileira 60-70. In: SOUZA, A. P.; FIGUEIREDO, C. A. S.; PEREIRA, H. B. C. *Escritas e escritos (im)pertinentes na Amazônia: estudos de literatura, resistência, testemunho e ensino*. Rio Branco: Nepan, 2024. p. 17-30.

Recebido em: 24 abr. 2024.

Aprovado em: 05 set. 2024.

Revisora de língua portuguesa: Camila de Fátima Rosa
Revisora de língua inglesa: Thália Mafra Diogo dos Santos
Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho